ANNO 3.º — Sexta-feira, 21 de Maio de 1915 — NUMERO 371

# O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)
Ano (Portugal e colónias) . . . . . 1$20
Semestre . . . . . $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . . 2$50
Avulso . . . . . $02
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO
Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA
Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS
Por linha. . . . . . . . 4 centavos
Comunicados . . . . . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

# A QUEDA DA DITADURA

## A honra nacional resgatada a tiros de canhão

## Gloria ao Povo, ao Exercito, á Marinha

**Emfim: a alma portuguêsa, revôlta, indignada, ciosa de liberdade e de justiça, explodiu e num formidavel combate, num fremito insofismavel de repulsa, que só nobilita, poz termo á chantage governativa que no país se havia implantado, sacudindo do Poder os que, sem respeito pela lei, se lançaram na criminosa aventura de comprometerem gravemente o prestigio das instituições.**

**Bravo povo, heroico povo, o que, com tamanha nobrésa, com tão acendrado patriotismo, veio á rua, em luta armada, derrubar a ditadura.**

**Nós o saudâmos. E pois que tudo volta á normalidade constitucional, nésta hora soléne de triunfo em que a Patria e a Republica resurgem, marcando na historia uma pagina brilhante egual a tantas outras que éla encerra, justificativas do valor da nossa raça, nésta hora solenissima, que o restabelecimento da Lei assinala, dizendo ao mundo que não são permitidas em Portugal ditaduras sob o regimen republicano, um brado expontaneo acode aos labios de todos os portuguêses, e, unisono, vibrante, ecoa por toda a parte:**

## VIVA A REPUBLICA!

Tudo nós tinhamos previsto, tudo nós tinhamos calculado.

A ditadura, num crescendo imbecil de audacias ignominiosas, amparada pela ambição duns e pela astucia de outros, enleiando pouco a pouco o regimen e a lei nas dobras jesuiticas dos seus decretos, torpemente traiçoeiros, avançava, sem esforço, para o seu objectivo, contando até —ó ironia do destino!—com o aplauso dos que tinham o indeclinavel direito e o inadiavel dever de a combater, de a subjugar.

Crescendo imbecil lhe chamâmos, porque não viram que a sua propria obra, impossivel já de mascarar, impunha a necessidade urgente dum grande golpe, um golpe inesperado, medonho, que salvasse a Patria!

Na totalidade das suas previsões, a ditadura não pensára na Revolução. João Franco nem sequer sonhára com a tragedia do Terreiro do Paço. E como se deu esta, a outra deu-se agora. Era fatal. Na realidade, o impulso para o estremeção formidavel de 14 de Maio todos os dias provinha da ditadura. Ela propria se encarregava da sua liquidação. Aqui o dissémos por mais duma vez.

Aproximava-se, todavia, a hora das supremas resoluções.

Estávamos reduzidos a esta situação: ou morrer ou salvar-se o regimen, até mesmo pelo horror.

Posto este dilêma não houve um momento de vacilação.

A velha alma portuguêsa, num frémito de tradicional bravura, como um leão, arremeteu contra os defensores da tiranía, contra os protectores de quantos pela mais ignominiosa traição pretendiam assassinar a Republica.

Tropa, policia, artilharia, cavalaria tudo foi varrido pela onda purificadora do povo revoltado, implacavel, formidando, terrivel, na defêsa sagrada da Patria, redimida já pela purificadora revolução de 5 de Outubro!

Era preciso, porém, a confirmação de tal acto.

Ela ficou feita agora com a maior grandeza e com o mais dedicado patriotismo, pelo Povo, pelo Exercito e pela Marinha—sublime triologia salvadora desta Patria tão querida, identificada para sempre na Republica, unico regimen que procurou e quer.

E a ditadura, envolta nos seus crimes, coberta de crepes e de trevas, baqueou, tombando para dentro dum ataúde sinistro e mudo!

Das fendas desse ataúde, porém, sáem e correm regatos de sangue!

Homens da Revolução: quem responde por esses crimes nefandos? Não pedireis contas aos responsaveis por todos eles?

Atendei! A piedade não deve anular a justiça!

## Como se preparou o movimento

### As reuniões e os trabalhos dos revolucionarios

Póde dizer-se que a idéa da revolução nasceu trez dias depois de se constituir o gabinête Pimenta de Castro. Mas apenas meia duzia de individualidades, dentro do partido democratico, a acalentavam com esperanças de triunfo, na atmosféra de vinganças, suspeições e odios que se tinha creado contra aquêle partido. Um golpe de audacia podia não ser mais que um irreflectido acto de loucura desesperada. Seguiu-se então uma tactica de espectativa, a vêr a orientação que o sr. Pimenta de Castro ia imprimir á politica do gabinête. Logo que éla se definisse num sentido de perseguição, de violencias, de atropelos á Constituição e ás leis da Republica, estudar-se-íam as possibilidades de resistencia revolucionaria, só se organisando o movimento quando houvésse garantias seguras de que ele saíria triunfante.

Durante quasi um mez, o sr. Pimenta de Castro pareceu mostrar-se disposto, ao menos aparentemente, a efectivar uma politica conciliadora, pouco se importando com os gritos de incitamento a represalias que partiam de vários campos. Quando se falou na publicação do primeiro decreto ditatorial sobre eleições, o sr. dr. Afonso Costa procurou-o para lhe oferecer a cooperação do seu partido na aprovação das alterações que o govêrno julgasse indispensavel introduzir na lei eleitoral. Fossem de que natureza fossem, o Congresso aproval-as-ía, para que na Republica se não estabelecesse o precedente terrivel das dictaduras. O sr. Pimenta de Castro recusou, e o decreto foi publicado a 24 de fevereiro nas colunas do *Diario do Govêrno*.

Pouco depois, a 4 de março, dava-se o lamentavel episodio do edificio do Congresso ser rodeado por forças militares. Para bem se avaliar quanto éssa medida foi odiosa, traduzindo apenas o desejo de vexar um partido republicano, é preciso saber-se que os elementos democraticos estavam prontos a tomar o compromisso de não haver numero para qualquer das casas do Congresso funcionar. Nem assim o sr. Pimenta de Castro transigira na sua ameaça, anunciada provocadoramente numa nota oficiosa mandada para os jornaes. Não só impedia a reunião do Congresso como nem sequer autorisava que deputados e senadores entrassem no edificio.

Após a reunião da Mitra, a idéa da revolução entrou definitivamente no espirito dos democraticos e no de muitos republicanos sem filiação partidaria a quem indignava a atitude agressiva do govêrno. Não era apenas a defêsa dos principios que justificava o movimento revolucionario; era tambem um sentimento de dignidade que levava os democraticos para esse caminho. Espoliados, vexados, perseguidos, ou mostravam força para se libertar da opressão, ou nunca mais o seu partido podia impôr-se á consideração do país.

Iniciaram-se a valer os trabalhos de organisação revolucionaria. O dr. Alvaro de Castro, com uma serenidade e uma energia admiraveis, encarregou-se da parte militar; Antonio Maria da Silva, com a experiencia da organisação da Carbonaria para a revolução de 5 de Outubro, não têve um momento de repouso na aliciação dos elementos civis; Freitas Ribeiro, com uma audacia que chegava por vezes aos extremos do perigo, lançou nos marinheiros o fermento da revolta.

As bases do movimento estavam lançadas. Faltava que a atmosféra politica se preparasse um pouco melhor, justificando a eclosão imediata de todas as energias que estavam disciplinadas em torno da idéa da revolução. Foi o proprio govêrno quem preparou éssa atmosféra, dando entrada aos cabecilhas monarquicos e acentuando, dia a dia, as suas transigencias com os inimigos da Republica. Não faltava coisa alguma: que soasse o sinal da revolução e a ditadura deixaria de afrontar a consciencia republicana.

Leote do Rego tinha sido convidado a assumir o comando das forças de todos os navios. Praticou verdadeiros prodigios, nos quinze dias que antecederam o movimento, para a disciplina dos elementos revolucionarios que iam ficar sob a sua direcção suprema. Tinha as relações cortadas com Freitas Ribeiro, por causa de incidentes de natureza politica, mas essa dificuldade resolveu-se em duas palavras. Depois de combinações previas, Freitas Ribeiro procurou-o um dia, em sua casa. Eram desnecessarias quaesquer explicações, limitando-se Leote do Rego a dizer:

—Bem! Vamos a isto!

E os trabalhos proseguiram então com febre, numa verdadeira vertigem de luta. As conferencias no escritorio do sr. Alvaro de Castro, á rua do Ouro, eram constantes. Em casa de Leote do Rego todas as noites se reuniam marinheiros, cabos e sargentos da armada, a receber instrucções.

## O governo constitucional

Presidencia e Interior -- João Chagas, interinamente, José de Castro
Justiça -- Dr. Paulo Falcão
Finanças -- Tomé de Barros Queiroz
Fomento -- Dr. Manuel Monteiro
Estrangeiros -- Dr. Teixeira de Queiroz
Guerra -- Dr. José de Castro
Marinha -- Dr. Fernandes Costa
Colonias -- José Jorge Pereira
Instrucção -- Dr. Magalhães Lima

Reconhecendo em todos os ministros autenticos republicanos, juntamos a nossa voz á voz da nação, saudando-os, como tal, efusivamente.

## Um acto de heroicidade

Eram 22 horas do dia 14. Ao Arsenal de Marinha chegava um oficial vindo de bordo do *Vasco da Gama* com uma carta do comandante Leote do Rego para sua familia. A'quéla hora não havia quem a levasse, o embaraço era grande, porque não se podiam dispensar os combatentes, e dos não combatentes, se os havia, nenhum se prestava a isso. Uma creança, 10 a 12 anos, escoteiro, dirigiu-se ao oficial e acanhadamente ofereceu-se para desempenhar a missão. O oficial, surpreendido, hesitou, mas vendo a expressão energica e decidida da creança, confiou-lhe a carta, recomendando-lhe que trouxesse um documento comprovativo da sua entrega.

O tiroteio estrondeava a todo o momento por vários pontos da cidade; em muitas ruas não havia iluminação; grupos armados surgiam de todas as esquinas, mas nada embaraçou a valente creança. Uma hora depois estava de volta.

Apresentou-se ao oficial de quem tinha recebido a missão, entregando-lhe um bilhete da esposa do sr. Leote do Rego. O oficial, velho lobo do mar, um dos bravos da Rotunda, comovido com a bravura do escoteiro, meteu a mão ao bolso para gratificar a creança.

O rapazito, porém, muito córado, como que envergonhado da ousadia do pedido que ia formular, suspendeu-lhe o gesto dizendo:

—Se quer recompensar-me, leve-me ao *Vasco da Gama*. Queria abraçar o sr. Leote do Rego...

A creança não quiz dizer o seu nome...

## A primeira proclamação da Junta Revolucionaria

Um dos primeiros actos reveladores da resistencia violenta á ditadura, foi a publicação, em folha volante, logo ao romper da manhã do dia 14, da seguinte proclamação:

### AO PAIZ

**Pela honra da Patria! Pela defeza da Republica!**

*Está na agonia o periodo vergonhoso da ditadura. Essa pagina de ignominia e de tristeza vae ser arrancada da historia da Republica. O povo, o exercito e a armada, na consciencia de que cumprem o mais patriotico dos deveres, repelem esse escarneo com as armas na mão.*

*Depois do sangue portuguez ser*

*derramado em Naulila, num ataque traiçoeiro da soldadesca alemã, a ditadura não têve pejo de saudar o representante do kaiser pelo seu aniversario.*

*Sem coragem de vingar a afronta que o inimigo fez á gloriosa bandeira da nossa Patria, a ditadura considera simples internados o tenente Aragão e os seus companheiros de armas, que tão alto ergueram o nome de Portugal.*

*Anuncia-se o regresso da expedição de Moçambique, que sempre recebeu da ditadura ordens de manter uma rigorosa neutralidade.*

*Enquanto os republicanos são perseguidos e vexados, os dirigentes das conspiratas monarquicas, aqueles que se armaram em territorio estrangeiro para combater o seu país, passeiam provocantemente pelas ruas de Lisboa.*

*Os dois partidos republicanos que apoiaram a ditadura chegaram a reclamar a demissão de autoridades reconhecidamente monarquicas—e não o conseguiram.*

*Que significa isto? Que a ditadura estava comprometendo a Republica e enlameando a honra nacional.*

*Vamos restituir a Republica aos republicanos, completando nésta hora de triunfo a alta missão patriotica dos revolucionarios de 5 de Outubro.*

*Queremos um govêrno nacional, mas por isso mesmo republicano. Não arvoramos a bandeira de nenhum partido, pois queremos que todos os republicanos se juntem para a dignificação da Patria, para a salvação da Republica.*

*Não aconselhamos violencias nem represalias. A nossa energia não excluirá a generosidade pelos vencidos. Só ao govêrno nacional caberá o direito de pôr em pratica medidas de defeza. Que todos confiem no seu rigor, na sua honra e no seu patriotismo.*

**Pela patria! Pela Republica!**

A junta revolucionaria

# Iniciação do movimento

### No Arsenal da Marinha, marinheiros e populares, armados, tornam aquele recinto, um reducto inexpugnavel

14 de Maio.

Ao aproximar-se o dia, duas baterias de artilharia 1, saidas de Campolide, foram postar-se e tomar posições no Alto de Santa Catarina. Na frente, como guarda avançada, vai uma força de lanceiros 2, de espadas desembainhadas, sob o comando de um alferes. As ruas estão cheias de gente e no govêrno civil concentram-se as autoridades e muitos elementos civis do partido evolucionista. Em baixo, no Caes do Sodré, passa, navegando no rio, embandeirado e com o pavilhão içado, o cruzador *Vasco da Gama*.

Junto dos pontões do Arsenal, que olham para a Praça Duque da Terceira, continuam os revolucionarios a movimentar-se. Por cima dos muros, dentro das guaritas blindadas, encontram-se verdadeiros montões de marinheiros, populares, gente do troço de mar e centenas de operarios. Uma força de cavalaria e outra de infanteria da guarda republicana aproximam-se a parlamentar com as sentinèlas e pactuam, adérem ao movimento, fazendo causa comum com os revolucionarios. Com os soldados vão dois sargentos e todos entram para dentro do Arsenal, aos vivas á Republica, no meio das maiores exclamações de jubilo e de alegria.

Os primeiros grupos de populares e marinheiros que se dirigiam para bordo dos navios de guerra foram embarcar ao Posto Maritimo de Desinfecção, utilisando-se para esse fim dum vapor da Alfandega que ali se encontrava e duma embarcação do serviço das visitas de saude. A seguir, outros grupos embarcaram no caes que fica proximo ao mesmo posto no vapor *Cabo da Roca*, e outro vapor, ambos da Exploração do Porto de Lisboa.

Tanto aquele posto como as dependencias da exploração do porto, vapores da Alfandega e Arsenal e outros estabelecimentos do Estado içaram logo de manhã a bandeira nacional.

Com os grupos de marinheiros e civis que seguiram para bordo foram muitos guardas fiscaes dos postos do Aterro. Outros seguiram a juntar-se aos populares e militares que em varios pontos combatiam a quéda do govêrno.

Era ali, no Arsenal, positivamente invadido, tomado de assalto, pacificamente, graças á conivencia dos marinheiros, que algumas centenas de civis deviam armar-se, e de facto assim sucedeu.

Minuto a minuto, como rodas de alcatruzes, vão passando por cima dos muros e entrando para dentro do Arsenal, aparecendo logo armados e equipados. Surgem sargentos, cabos e marinheiros que vão engrossar as hostes. A' entrada da rua do Arsenal estão vedetas de infantaria 16, estendendo-se o regimento, com o de infantaria 5, pela rua do Arsenal, pelo Pelourinho, Terreiro do Paço, ruas dos Retrozeiros, S. Julião e da Alfandega.

De bordo dos navios de guerra, já todos revoltados, continuam os tiros de peça, por enquanto de polvora sêca. A baixa está cheia de gente, de soldados de infanteria 16 e 5 e da guarda republicana. Vêem-se patrulhas por todos os lados e policias nem um.

# Os primeiros tiros

### Do Alto de Santa Catarina para o rio

E' o momento de entrar em acção a artilharia, já postada no Alto de Santa Catarina. Ataca com violencia os navios de guerra, que respondem com serenidade, mas com mais precisão nas pontarias, pois que as granadas de artilharia passam sobre os navios e vão caír no Tejo. Só depois de muitos tiros é que uma caíu mesmo junto ao navio, mas as que se seguiram continuaram a passar a grande altura por cima do cruzador, que respondia com segurança. O *Almirante Reis* estava fundeado e começou a fazer vapor, a fim de suspender, o que conseguiu poucos minutos depois, sempre debaixo de fogo, que o não atingia.

Do lado do Terreiro do Trigo e de Santa Apolonia chegam mortos e feridos. Já ha predios atingidos por granadas, não circulando automoveis nem eletricos.

Dos lados de Alcantara e de Santa Apolonia chegam emissarios. Um oficial de marinha aproxima-se do portão do Arsenal e diz aos revolucionarios que estes acabavam de enviar ao chefe do govêrno um *ultimatum*, intimando-o a render-se até ás 9 horas. A onda dos que vão alistar-se nas hostes dos revoltados aumenta sempre, recrudescendo o entusiasmo, que eles traduzem em entusiasticos vivas á Republica.

Muitas das granadas dirigidas para o quartel de marinheiros e navios de guerra iam rebentar proximo do Posto Maritimo de Desinfecção, onde produziram alguns estragos. Só a casa onde habita um dos funcionarios que ali prestam serviço ficou com a frontaria furada em 10 pontos pela metralha e com vidros partidos. Algumas balas foram cravar-se nas portas interiores.

As granadas vindas dos navios de guerra contra artilharia 1, que foi postar-se no Alto de Santa Catarina, determinaram uma série de incendios, causando diversas vitimas e sérios destroços. Uma delas derribou uma cimalha do liceu Passos Manuel e outra ocasionou um incendio num predio cujo proprietario não cobre os prejuizos com menos de 12:000 escudos.

Todos os incendios foram atacados com denodo pelos bombeiros, que se apresentaram de pronto nos locaes onde eles se manifestavam apezar do grâve risco que corriam.

# Contra o povo

### A policia e os defensores da ditadura

A's 7 horas, na rua da Boa Vista, passam dois marinheiros. A policia da esquadra ali estabelecida ataca-os e pretende prende-los. Os dois marinheiros bradam por socorro e o povo sáe em seu auxilio. Num instante a esquadra foi totalmente destruida e queimado o mobiliario, ficando os colchões das camas dos policias a arder na rua. Começaram circulando os primeiros automoveis da Cruz Vermelha procurando feridos.

No Rocio póde passar-se sem estorvos. Pelas suas imediações, junto da Praça da Figueira, rua da Betesga e Poço do Borratem o povo aclama a Republica loucamente. De repente, sentem-se tiros na rua 1.º de Dezembro. Num prédio onde estão instaladas duas casas de jogo refugiaram-se numerosos individuos, a maioria dos quaes já estivéram envolvidos no movimento de 27 de abril. O povo passou em frente do predio e aclamou a Republica. Um dos refugiados chegou á janela e disparou uma pistola sobre a multidão. O povo protestou e gritou mais alto: *Viva a Republica! Abaixo os traidores!...* Voltaram de cima a despejar tiros, muitos tiros. Os alvejados, longe de fugir, estando desarmados, atiram pedras, ás quaes os primeiros respondem com balas. Fez-se um silencio. A populaça continua a aclamar a Republica, quando, formidavelmente, alarmando tudo, rebentou no meio da rua uma bomba de dinamite. A fumaceira dissipa-se e vê-se então o solo coalhado de feridos.

Homens animosos, num apice, debaixo das balas dos seus agressores, conseguem pegar nas vitimas em charola e vão a correr leva-las ao hospital.

No meio da confusão, enorme tiroteio continua de cima sobre a multidão, não tardando a rebentar outra bomba, com eguaes terriveis efeitos. Mas ninguem arreda pé, apezar dos feridos, que apresentam pavoroso aspecto, figurando entre eles uma criança. Do quartel do Carmo desce uma força de infantaria da guarda republicana a ocupar as embocaduras das ruas. A multidão aclama-a, e, a seu pedido, vão os soldados passar rigorosa revista á casa suspeita. Foi ali apreendido muito armamento, efectuando-se dez prisões.

# O assalto ao Arsenal do Exercito

### Depois de dizimada a guarda republicana que defende o Muzeu de Artilharia cáe este em poder dos revoltosos

Pelas ruas continuam os mesmos magotes de populares, que aclamam a Republica delirantemente.

Paralisado o serviço dos comboios, egualmente paralisam muitas obras do Estado e particulares, não abrindo as suas portas muitos estabelecimentos. Na calçada da Graça e em S. Vicente vão postar-se vedetas de infanteria que não deixam passar ninguem.

No Arsenal do Exercito repete-se o mesmo assalto do Arsenal da Marinha. O povo entra ali e apodéra-se do armamento, recebendo com viva fuzilaria os soldados do posto do Muzeu de Artilharia, que inutilmente tentaram desaloja-lo.

Cáem muitos feridos e alguns mortos. Avançam mais e tornam a ser dizimados. As descargas sucedem-se sobre eles. Pouco a pouco a força vae diminuindo. No Arsenal, o povo e a guarda fiscal, que continua firme ao lado dos revoltosos, fazem descargas certeiras e cerradas. Os do Muzeu rendem-se e os revolucionarios, vitoriosos, tomam conta deles aos gritos de viva a Republica.

Quando a Cruz Vermelha chegou teve de levantar da rua inumeros feridos e mortos. Para a hipotese de um novo ataque, os revoltosos erguem barricadas, algumas nas alturas do Chafariz de Dentro e rua dos Remedios. Aquele ponto, ás 9.30, estava tomado pelos revoltosos, que se aprestam para fazer frente ás tropas fieis. Estas, porém, com exclusão da artilharia, não atacam.

A policia da esquadra dos Caminhos de Ferro armou-se com carabinas e saíu para as ruas a atacar o povo e a maltratal-o. A's 7 horas e 15 minutos o *Vasco da Gama*, muito proximo de terra, fez fogo contra o Muzeu de Artilharia, tendo as granadas destruido parte da frontaria do edificio. Na rua das Escolas Geraes, até onde tinham sido distribuidas vedetas, alguns populares atacaram a tiro de pistola um tenente de cavalaria que ali passou galopando, seguido de uma ordenança. O oficial fugiu.

# Luta gigantesca

### Os revoltosos batendo-se desesperadamente, sempre vitoriosos

De todos os lados continua o tiroteio da fuzilaria e tiros sêcos, isolados, de pistola.

Do rio, o *Vasco da Gama* dispára sobre os ministérios, pondo em fuga, espavoridos, os soldados de infantaria 1 e 16 que os guardavam. Na serra de Monsanto foram postar-se, regularmente espaçadas, peças de artilharia. Uma das suas granadas (porque elas tanto disparam para o rio como para terra) vai atingir uma casa da rua Particular, á rua Maria Pia, demolindo-a.

Em frente do Arsenal da Marinha, onde estava postada artilharia 1, travou-se, por equivoco, rijo tiroteio entre esta força e infantaria 16, que tomou a artilharia pelo inimigo.

De dentro do Arsenal as metralhadoras despejam alguns tiros, pondo em debandada a artilharia pelas ruas da Prata, Madalena e Comercio, ficando muitos soldados e oficiaes feridos.

Dissipado o primeiro momento de panico e verificado o engano, conseguiram os oficiaes reunir os seus soldados e, tomando posição em frente do Arsenal, começaram a atacar os revoltosos com metralhadoras e vivo tiroteio. Responderam-lhes aqueles com tres canhões e tres metralhadoras que dispuzéram no telhado do edificio, dispostos a não se renderem, dizendo-se que, tendo vindo de bordo dois oficiaes de marinha, com bandeira branca, parlamentar com o exercito, não tinham chegado a um acôrdo, voltando para bordo e continuando o combate.

Os navios continuam a assestar as suas peças sobre o Terreiro do Paço, metendo inumeras granadas nos ministérios da guerra, da justiça e das finanças, onde os estragos são de importancia. Na Camara Municipal estavam peças de artilharia e o edificio ocupado pelas tropas.

Ao meio dia e 30 minutos o *S. Gabriel* rompeu fogo violento contra a artilharia postada na serra de Monsanto. Pouco depois largava da Rocha do Conde de Obidos, onde estava postado, subindo o rio.

Vinte minutos depois vinha substitui-lo, na mesma fajna de bombardear a artilharia de Monsanto, o cruzador *Almirante Reis*, que, como se sabe, possue artilharia de grande alcance. Fez, porém, apenas dois tiros, conservando-se algum tempo em observação e voltando a navegar rio acima. Mais tarde o *S. Gabriel*, o *Adamastor* e o *Almirante Reis*, descendo o rio, fizéram no mesmo sentido alguns tiros de canhão, que foram correspondidos, sem alcançarem aquêles navios.

Houve tres ataques das forças revolucionarias ao governo civil, que, cêrca das 18 horas, ainda se conservava fiel ao govêrno, estando ali o chefe do distrito e seus secretarios, todos os oficiaes da policia, director e chefes de investigação, etc. Apenas não apareceram os dois medicos da corporação!

O primeiro grupo de marinheiros e civis que apareceu a atacar o governo civil fê-lo ás 9 horas. Houve apenas uma morte e alguns ferimentos.

O segundo assalto deu-se ás 15 horas quando infantaria 16 passava ao Chiado, efectuando-se várias prisões de populares e marinheiros sem outras consequencias de maior.

O ultimo assalto teve logar pelas 17 horas. Foi rijo e o tiroteio prolongou-se por bastante tempo. Os civis e os marinheiros entrincheiraram-se com a estatua de Camões e os predios das embocaduras do Bairro Alto e os policias e a guarda republicana nas esquinas das ruas Paiva de Andrade, Anchieta e Serpa Pinto.

Houve combates corpo a corpo muito violentos, atiraram-se bombas, chegando o tiroteio a espalhar-se pelas ruas proximas.

Combatia-se e corriam boatos divêrsos quando, pelas 19 horas, a força da guarda republicana que estava no governo civil recebeu ordem do seu comandante, general Encarnação Ribeiro, para recolher ao quartel, pois que a guarda não mais hostilisaria os revoltosos.

Esta ordem deu logar a alguns incidentes entre oficiaes, recolhendo a força no meio das aclamações do povo que até aos Paulistas a acompanhou soltando vivas á Republica e abaixo os traidores.

Tendo aderido aos revoltosos o governo civil e o quartel do Carmo, unicos pontos onde se conservava gente fiel ao governo, os civis e marinheiros que estavam na praça de Camões avançaram, já estão sem serem hostilisados, e foram fazer grande manifestação de simpatia á Republica em frente do governo civil, em cujas janelas se ergueram tres bandeiras brancas.

Por toda a cidade, então, sabendo-se da vitoria final dos revolucionarios, houve diversas manifestações de alegria, içando-se bandeiras nacionaes em muitas janelas e correndo muitas pessoas a saber informações em vários pontos. No governo civil foram postos em liberdade os individuos que ali estavam presos, em numero de 54, figurando nesse numero o sr. Luiz Filipe da Mata, que fôra preso ao entrar para o Directorio com mais seis individuos.

Na Caixa Geral de Depositos ás 16,15 um grupo de cêrca de cem civis e marinheiros, armados, dirigiu-se ao posto da guarda republicana, intimando as praças da guarda a entregar-se. A principio a guarda opoz resistencia entrincheirando-se no posto com as portas semi-cerradas. O numero dos revoltosos aumentou e a guarda então rendeu-se, ficando substituida por marinheiros. Os civis escoltaram a guarda republicana e seguiram para o Aterro, indo pelo Alto de Santa Catarina.

# Continua a refrega

### A jornada de infanteria 16 atravez da cidade

Pouco depois das 14.30, subia a calçada dos Paulistas, do lado do Conde Barão, uma força composta de duas companhias de infantaria 16, com os oficiaes respectivos e o seu comandante. Acompanhava as forças uma multidão enorme de elementos civis e grande numero de mulheres, que durante o trajéto levantavam vivas á Patria, á Republica e gritavam —*Abaixo a ditadura!*

A' frente de toda esta multidão marchavam quatro marinheiros armados e equipados e dois populares, um dos quaes hasteava uma bandeira branca, improvisada com um sarrafo de madeira e um lençol, que para esse fim lhes fôra dado na rua.

A' passagem, até ao Chiado, reinou grande entusiasmo, sendo levantados vários vivas á marinha, ao exercito, á Constituição e á Republica, pelos habitantes de ambos os sexos, que delirantemente acenavam com lenços e bandeiras, sendo lançadas de algumas varandas muitas flôres.

Ao chegar esta manifestação á rua Garrett, em frente á rua Victor Cordon, uma força da guarda republicana, que ali se encontrava, deu uma carga de baioneta, não chegando, porém, a ferir pessoa alguma, em virtude do coronel do 16 haver mandado desfraldar, nitidamente, á embocadura da rua, a bandeira branca que seguia na frente, como simbolo da paz.

Porém, quando os manifestantes, confraternisando com a força de infantaria, dobravam a esquina do Chiado para a rua Nova do Almada, ouviu-se uma descarga, que depois se soube ter sido dada pela força da guarda republicana que se encontrava ao fundo da rua Anchieta, junto ao govêrno civil, quando um grupo de civis se dirigia para ali soltando vivas á Republica, á Patria e á Constituição.

Do tiroteio saíram vários civis feridos, que foram conduzidos ao posto da Mizericordia e ao hospital de S. José, presumindo-se que tivésse havido mesmo mortos.

Os manifestantes, sempre vitoriando a Republica e a Constituição, voltaram á rua de S. Nicolau, não sem que tivéssem de levantar novamente bem alto a bandeira branca, visto que uma força de infantaria 5 que se encontrava ao fundo da rua Nova do Almada lhes havia egualmente feito frente.

Na rua dos Fanqueiros, uma secção de quarteis de cavalaria 2, sob o comando do capitão Cunha



Menezes, tentou embargar a passagem aos manifestantes e á força do 16, indo o comandante deste regimento parlamentar com aquele oficial, que deu ordem para a sua força retirar para o largo de S. Nicolau. Da Associação de Classe dos Operarios Alfaiates foi lançada para cima da força de infantaria 16 uma grande bandeira nacional, e de inumeras janelas eram arremessadas muitas flôres. A força e o povo seguiram pela rua da Madalena em direcção ao Castelo, onde o 16 está aquartelado, recebendo os soldados pelo trajéto calorosos vivas.

# Alcantara, fóco revolucionario

### A adesão de infanteria 2 ao movimento —Boatos infundados

Toda a manhã, as granadas alvejaram o quartel de marinheiros em Alcantara. Fechado, barricadas as janelas com colchões, ele abriga muitos marinheiros, soldados de infantaria 2 e muitos civis. Uma das granadas achata-se na frontaria do edificio. Outra destroe o cunhal do quartel do 4.º esquadrão de cavalaria da guarda republicana.

Junto á linha ferrea, entre Alcantara-terra e Alcantara-mar, foi postar-se uma coluna em pé de guerra, defendida por barricadas formadas por vagons do caminho de ferro.

A Rocha do Conde de Obidos estava apinhada de povo. Em baixo, junto á muralha, para lá da doca, estava o *S. Gabriel*. A' sua volta, sem o atingir, caíam granadas, que iam mergulhar no rio. Outras caíam na doca, abrindo sulcos profundos no chão seco. O quartel de infantaria 2 estava em pé de guerra. Eram poucos os soldados que ali se encontravam, mas todos estavam a postos, de armas em bandoleira, carregados de cartuchos. De madrugada, ás primeiras horas, os soldados levantaram-se e correram a armar-se. O armamento estava guardado.

Houve um movimento de anciedade e perplexidade. Entretanto, chegava ordem para o regimento marchar a guardar o quartel general, nas Necessidades. O comandante mandou formar o regimento e saíu. Ali soube-se da atitude dos marinheiros. Alguns soldados debandam e correm para o quartel de Alcantara. O comandante quer voltar com o regimento para o quartel, e a meio caminho, dá ordem de voltar á esquerda. Os soldados, porém, arrastam o comandante e levam-no na sua frente até ao quartel dos marinheiros.

O 3.º batalhão de infantaria 2 estava aquartelado na Cova da Moura. Aderiu tambem, a despeito da oposição do major, e marchou para o quartel de marinheiros. Alcantara, toda ela, está engalanada com bandeiras nacionaes. O povo, que não está na linha de combate, estaciona nas ruas, vigilante. Todo o bairro está em poder dos revoltosos.

Para lá do Calvario está infantaria 1, e, na retaguarda deste regimento, cavalaria 4, que se estende pela Junqueira. Estes dois regimentos estão fieis ao governo, e, nos seus ataques, teem sido sempre repelidos, tendo de recuar até á estação dos eletricos, em Santo Amaro.

De dentro do convento das Flamengas, o sacristão, com outros individuos, disparou sobre os marinheiros e feriu um deles. O povo e os marujos foram ali, destruiram uma barricada e prenderam o sacristão, que foi levado para o seu quartel. A guarda fiscal dos postos de Alcantara e de todo o Aterro, firme, audaciosa, faz causa comum com os revoltosos e combate a seu lado nas barricadas. Os policias da esquadra do Calvario fugiram espavoridos e foram meter-se numa taberna da rua da Creche. Tomaram-lhes os revolveres e os sabres e tomaram-lhes conta da esquadra.

Pelas 15 horas começaram a correr boatos desfavoraveis aos revoltosos.

— Que o quartel de marinheiros, desmantelado, quasi arrazado, se tinha rendido—afirmava-se.

Tudo, porém, era falso. O bairro de Alcantara, palpitando de decisão e de jubilo, nunca trepidou. E assim póde-se dizer que chegou até ao fim sempre vitorioso, cabendo-lhe um grande quinhão no resultado definitivo da luta armada para derrubar a ditadura.

# O sr. Presidente da Republica

Em virtude dos acontecimentos o sr. dr. Manuel de Arriaga logo ao romper do dia de sexta-feira dispoz-se a abandonar o palacio de Belem, indo no seu automovel, escoltado por um esquadrão de cavalaria, refugiar-se no quartel da Guarda Republicana, ao Carmo.

O ministério reuniu tambem nesse local, assim como no quartel general, e de ali dimanavam as ordens para repressão do movimento militar.

Quando de tarde se constataram as defecções de algumas forças do governo e a disposição em que outras estavam de abandonar a luta, que afinal era determinada apenas por ilegalidades constitucionaes, entrou-se a considerar que a solução do conflito poderia achar-se facilmente pelo sacrificio do ministério Pimenta de Castro.

Foi em resultado de várias *démarches* neste sentido que o governo se resolveu a pedir a demissão, depois do que se tratou de estabelecer como que um armisticio, até que se constituia um governo nacional, com representação dos diversos partidos republicanos.

O sr. Presidente da Republica saíu depois do quartel do Carmo com sua familia, em dois automoveis, escoltados por cavalaria, com destino ao palacio de Queluz, onde se instalou.

# No dia 15

### A luta prosegue com enormes vantagens para os revoltosos

Na manhã de sabado e após uma noite de relativo repouso, começou de novo a refrega, a obra de saneamente a que se haviam devotado o Povo e o Exercito. E começou-se então em busca daqueles individuos que, reconhecidos inimigos do regimen, ou seus irreconciliaveis perturbadores, urgente sería que sofressem o castigo do seu procedimento.

Alguns assaltos, portanto, fôram feitos contando-se no numero deles o efectuado á casa onde esteve hospedado Paiva Couceiro depois da amnistia, casa onde se não encontrava pessoa alguma e que foi arrombada pelos civis que tudo quanto lá havia destruiram e inutilisaram.

Os centros monarquicos, a Liga Naval, as redacções do *Dia*, *Intransigente*, *Ridiculos*, *Vanguarda*, *Jornal da Noite*, *Nacional*, *Nação*, bem como as casas da habitação de alguns dos seus redactores, voaram e nos quarteis, nas esquadras policiaes, em toda a parte prosegue o movimento encetado na vespera com notavel vivacidade, pois nenhum desanimo se havia apoderado dos defensores da Republica, apezar da grande quantidade de mortes e feridos que já se registava.

Pelas ruas, praças e especialmente em frente a alguns quarteis continuam a produzir-se recontros e conflitos sangrentos, até que pelo meio da tarde, já quando não podia restar duvidas sobre de que lado estava a vitoria, o major Sá Cardoso, á frente da Junta Revolucionaria, depois chamada Junta Constitucional e cujos restantes membros eram os srs. Freitas Ribeiro, Alvaro de Castro, Norton de Matos e Antonio Maria da Silva, debruçando-se na varanda da camara municipal, diz, dirigindo-se á mole de povo estacionária em frente do edificio:

*A vós todos, que aqui vos achais reunidos, e ao resto da população de Lisboa, que aqui não está, mas a quem deveis dar noticia deste acto, afirmo que o exercito, a armada e o elemento civil acabam de proclamar, pela segunda vez, a Republica em Portugal. Mas é preciso que todos nós, os que aqui estão e os que se acham ausentes, encarem o futuro da nacionalidade portuguêsa, neste grâve momento,* com

*muita ponderação. Portugal corre sério risco de perder a sua independencia, se a população não cumprir serenamente o seu dever e não entrar na mais estricta ordem. E' preciso que todos façam policia por conta propria; que os civis que estão armados corram a incorporar-se nas forças organizadas, e que ninguem ande, isoladamente pelas ruas, nem responda a tiros que porventura lhe sejam disparados. O contrario disto póde dar lugar a sangrentos e lamentaveis equivocos. O sr. presidente da Republica acaba de nomear o novo govêrno, cujos nomes vão ser lidos. Como alguns ainda estão ausentes, a junta constitucional assumirá provisoriamente, até á sua posse, todas as funções do poder executivo. Se nos quereis dar uma prova da vossa confiança, fazei o que, com as lagrimas nos olhos e na voz vos peço: correi toda a cidade a proclamar a ordem e não consintais que se travem conflitos na rua. Do contrario Portugal perde-se.*

As ultimas palavras do orador, frequentemente interrompido com palmas, provocaram vibrantissima aclamação patriotica.

Em seguida o sr. Levi Marques da Costa declara ter a honra de proclamar o govêrno constituido para realizar as aspirações de todo o país. O povo de Lisboa fez um movimento revolucionario para o cumprimento da Lei; mas tem de entrar agora na ordem, correspondendo ao apelo da Junta Constitucional, disciplinando a sua acção.

O govêrno é composto dos vultos mais eminentes do partido republicano e da Patria. A sua escolha não foi uma obra do partido, é uma obra profundamente nacional.

Em seguida lê os nomes dos novos ministros, que vão noutra parte deste jornal, cada um dos quaes é acolhido por prolungadas e estridentissimas manifestações. Outros oradores se lhe seguiram acentuando alguns que o movimento revolucionario foi uma significativa lição a todos os futuros governantes, pois mostrou bem que este povo, tão altivo e progressivo, não permite nem toléra nenhuma especie de ditadura.

Eis, a traços largos, a resenha do que foi o 14 de Maio, que deu em terra com a ditadura, salvando-se a presidencia da Republica por uma especialissima consideração tida ainda e apezar de tudo com o venerando ancião que se chama Manuel de Arriaga.

Alguns dos membros do govêrno, que podéram ser apanhados, acham-se presos a bordo dos navios de guerra, incluindo o general Pimenta de Castro e o ex-ministro da marinha, Xavier de Brito, que, ao estalar a revolução, enviou a seguinte ordem ao comandante do submersivel *Espadarte*:

**O portador é de toda a confiança. O campo entrincheirado tem ordem de fazer fogo sobre os navios revoltosos. Sáia para óeste de Belem e onde lhe pareça conveniente aguarde a ocasião de afundar os navios que pudér, até liquidação final.**

Simplesmente monstruoso!

Tambem se acha detido o homem, que, após o advento da Republica, que ajudou a fundar, mais se tem salientado a demolir a sua obra, Machado Santos, isto além doutros oficiaes, tendo todos os monarquicos de categoria, quer da da capital quer da provincia, desaparecido como por encanto sem que até hoje voltassem a dar acordo de si.

O numero de mortos ainda não está bem apurado. Contudo não exagerâmos se dissérmos que passa duma centena e que os feridos em tratamento nos hospitaes ou em suas casas talvez se possam computar entre 400 a 500.

Os sucéssos de Lisboa tivéram, embora com menos intensidade, repercussão no Porto, Santarem, Portalegre e Guimarães, sendo a noticia da quéda da ditadura recebida em todo o país com manifesta alegria por todos os patriotas que a vinham combatendo *á outrance*.

De Aveiro chegou a ir até ao Entroncamento o regimento de infanteria 24, que na volta teve recepção entusiastica atendendo a que dele fazem parte conhecidos oficiaes e sargentos republicanos.

Em toda a parte, quasi, já estão de posse dos seus antigos logares os corpos administrativos, que deles haviam sido violentamente afastados, tomando a câmara de Aveiro e a Junta Geral do distrito conta dos que lhe pertenciam, na segunda-feira, em presença de grande numero de habitantes désta terra. Houve saudações, tendo usado da palavra, no municipio, além do presidente da comissão executiva, sr. Bernardo Torres, os cidadãos dr. André dos Reis e Alberto Souto. Na Junta falaram o dr. Marques da Costa e o nosso director, produzindo-se entusiasticas manifestações á Republica, á Patria e aos heroes de 14 de Maio.

Já na vespera o povo aveirense se havia mostrado o seu regosijo em face dos acontecimentos, percorrendo as ruas acompanhado da Banda dos Voluntarios e vitoriando na pessoa do dr. Mélo Freitas, servindo de governador civil, a revolução triunfante, depois de ter passado em frente ao *Democrata*, que vivamente saudou com palmas e vivas estridentes, deferencia pela qual nos confessamos imensamente gratos.

O socêgo é agora absoluto por toda a parte. Oxalá ele se prolongue, se eternise até, tanto o país carece que o deixem trabalhar em paz para de algum modo atenuar a crise porque está passando.

Oxalà.

## AINDA O CONDE

—(*)—

Os *Sucéssos*, publicaram no sabado preterito esta local esclarecedora da verdade quanto á adesão *leal* e *desinteressada* á Republica do antigo chefe progressista do distrito, Conde de Agueda:

«Ao que se lê nas primeiras 5 linhas do telegrama inserto ao fundo da 6.ª coluna do *Nacional* do dia 12 ultimo, obrigam-nos a nossa probidade jornalistica e os nossos créditos individuaes, que julgâmos se não pretende amesquinhar, a aduzir que *Os Sucéssos* **foram fieis na reprodução do que se passou na reunião politica do dia 12 de outubro de 1910.**

Isto dito com a afirmação da nossa mais alta consideração, respeito e apreço pelo ilustre sinatario desse telegrama.

De mais, é evidente que, quem fala de improviso durante meia hora, electrisado pelos ávidos olhares duma magna assembléia, não póde precisar, quasi cinco anos depois, as palavras que então proferiu num discurso aliás tão brilhante como patriotico.

O extrato da *Soberania* não é nem um pálido reflexo do que se lá disse.»

Não comentâmos. Mas esfregâmos com ela as ventas do trapaceiro que não tem a coragem de sustentar o que diz.

### Cartas multadas

Tem-nos enviado ultimamente correspondencia a que, por falta de franquia, o correio exige o pagamento de multa. Não a recebemos néssas condições, ficando dísso avisados os que se nos dirigem sem olharem ao cumprimento do seu dever.

## Do Porto

**Em 18 de Maio**

E' preciso ter-se assistido ao desenrolar dos factos inesperados da segunda revolução da Republica, ser testemunha presencíal dessa luta heroica pela conquista de um ideal quasi a apagar-se, ser quasi comparsa na cêna formidavel que vem mais uma vez mudar a face dos destinos do país, para se escrever passados quatro dias, ainda sob a impressão arripiante duma tragédia que acabasse de presenciar-se.

A noite do dia 14, sexta para sabado, foi um sonho máu, foi um pesadêlo que jámais se desvanecerá da memoria dos portuenses, tão intensas foram as cênas de hoje desse memoravel drama historico, começado em 5 de Outubro e quiçá ainda não terminado.

Sabia-se ou antes, desconfiava-se que a manifestação projectada para a tarde anterior, de apoio ás juntas de paroquia demitidas, não era mais que um pretexto para secundar um movimento de protésto contra o gabinete Pimenta de Castro, preparado em Lisboa; e o govêrno da cidade, prevenido, proíbiu a manifestação, pondo a guarnição de prevenção e mandando patrulhar fortemente o centro da cidade, para evitar que ela se levasse a efeito.

Isto não obstou que se fizéssem manifestações parciaes, que se tentasse uma demonstração de desagrado ao governo civil, o que deu logar ás costumadas correrías, cargas, tiros isolados, pedradas com algum petardo de mistura, mas afinal ainda sem resultados de maior.

Eram os preliminares. Era o prologo da luta fraticida que ia travar-se, luta feroz de lado a lado: duns porque defendiam um ideal de Liberdade e de Justiça que, com tanto sacrificio, conquistado em 5 de Outubro, sentiam que ia escapar-lhes novamente; de outros porque impulsionados á luta pela ordem perentoria daqueles a quem obedeciam, entediam que cumpriam um dever batendo-se para satisfazer essas ordens.

Logo de tarde a Praça da Batalha e cercanías do govêrno civil foram postas em verdadeiro pé de guerra, fazendo ali a concentração de importantes forças em especial da policia e da guarda.

Todas as embocaduras das ruas foram tomadas, patrulhas em serviço de segurança avançavam até distancia, prevenindo um golpe de mão sobre o governo civil ou quartel general.

Uma cérta agitação da multidão, entusiasticos vivas de quando em quando á Republica, á Liberdade, ao Exercito, morras á ditadura, não faziam prevêr pela quasi ordem e cordura com que a população se portava, a noite sanguinolenta que ia seguir-se, o combate feroz que ia travar-se horas depois.

Anoiteceu. Os estabelecimentos das ruas principaes fecharam ao pôr do sol; as casas de espectaculos não funcionavam; a multidão apinhava-se nas praças e por ordem da autoridade a iluminação das ruas que conduzem ao ponto de concentração das forças não foi acêsa—foi mandada apagar.

Sem a luz brilhante das vitrines, sem a iluminação propria, noite escura e nevoenta, como que pezava sobre a cidade uma atmosféra de mistério e de luto, pronuncio de dolorosissimos proximos momentos.

Era, no meio da escuridão que tudo encobria, fazer afastar o povo que não arredava pé das proximidades da Batalha.

Foi o rastilho.

Os primeiros protéstos erguem-se.

As primeiras violencias empregam-se.

Os primeiros atropelados cáem.

Os primeiros tiros partem.

E' a debandada. Mas é a debandada para tomar posições de combate; é a debandada para resistir em ordem dispersa, a debandada para ocupar melhores pontos estrategicos.

A luta generalisa-se. Ao ataque responde-se com o ataque, e ás 23 horas o estalido sêco e unisono da primeira descarga ouve-se, arripiante, ao mesmo tempo que o clarão sinistro da polvora ilumina lugubremente o teatro da luta.

A' descarga das forças regulares outra responde a meio da rua de Santa Catarina.

Nas sombras da noite, com os materiaes de concerto dos passeios, com as pedras levantadas dos mesmos, com barricas de cimento, taboas, com tudo que á mão pudéram encontrar, elementos revolucionarios civis construiram uma barricada e de dentro dessa improvisada fortaleza um grupo de valentes faz frente ao fogo das forças da Batalha.

A luta é desigual, mas mantem-se.

Novas descargas retinem pelas ruas agora aparentemente desertas, mas de onde em cada portal se encontra abrigado um atirador revolucionario; generalisa-se o tiroteio; forças de policia e da guarda republicana avançam ao assalto do reduto revolucionario que é atacado, cercado e por fim tomado, capitulando, mas não abandonando o seu posto a gente que o guarnecia.

As forças da defêsa avançavam pela rua de Santa Catarina, tomando sucessivamente a de 31 de Janeiro, Passos Manuel, rua Formosa, onde á uma da madrugada se travou o ultimo tiroteio.

Na semi-claridade que um ou outro candieiro, que nesta rua ficára acêso, lançava na neblina que caía, vêem-se avançar, cautelosamente, como sombras, armas cruzadas, os soldados fieis; tomam as esquinas; ocultam-se nas hombreiras proximas observando no escuro da noite os movimentos dos revolucionarios; parte observa para o lado do Bolhão, outra parte para o lado do Padrão.

Nada se vê, nada se sente.

Mas de subito, do lado de cá da Bandeira, um clarão ilumina a rua e as detonações de uns poucos de tiros estalam.

Quasi ao mesmo tempo as forças disparam para ambos os lados da rua e uma saraivada de balas sibila no ar, passando alguns palmos apenas do ponto em que me encontrava.

O tiroteio estabelece-se e a bréve trecho, do lado da rua de Sá da Bandeira, dois vultos vêem-se caír estatalados no sólo, sem um gemido, sem um grito.

Desventurados! Beijavam pela derradeira vez o sólo querido da Patria por que lutavam!

Depois, o rodar rapido de uma maca; o tremular indistinto de uma bandeirita branca, sombras que se movem no véu cinzento do nevoeiro, que vão, que vem, que desaparecem e o silencio pezado da noite a ocultar os vestigios da luta sangrenta que se desenrola.

Para os lados da Trindade ouvem-se ainda descargas.

E' uma hora da madrugada.

As forças da policia, armadas de espingardas e as da guarda conseguiram varrer, por fim, todos os que ainda resistiam na luta, ocupando pouco a pouco as ruas que dão acésso directo á Batalha e estabelecendo nelas um serviço de vigilancia e segurança, que, com os pequenos elementos de que dispunham os revolucionarios, era impossivel romper.

A luta terminava, mas só depois de alguns desses dedicados servidores da Republica terem caído para sempre no sólo que banharam com o sangue generoso dos bravos.

O sonho máu, o pezadêle dessa noite de luta passára, mas a recordação ficou para retemperar a alma desfalecida nesta luta interminavel por um ideial que devendo ser só de luz, de amor, de bem e de justiça, tantos querem conspurcar, enlamear, arrastar na vala imunda de ambições inconfessaveis, de procéssos ignobeis, de meios que nem os fins justificam.

A aurora de 15 de Maio veiu dizer-nos que a Republica triunfou mais uma vez e que a esperança renasce de novo no peito dos descrentes.

**Humberto Beça**

## Navios estrangeiros

Por causa da revolução que explodiu em Lisboa viéram ao Tejo alguns navios de guerra hespanhoes e inglêses para protegerem os subditos daqueles países caso fosse preciso.

Retiraram imediatamente, visto reconhecerem que a ordem está já assegurada.

## O HOMERO

Nas ruas do Porto foi morto a tiro o famigerado agente policial Homero de Lencastre, que tão falado conseguiu ser a quando da ultima intentona monarquica.

Teve a sorte que a sua falta de caracter e de sentimentos impunham.

# Um atentado revoltante

## O senador João de Freitas dispara uma pistola contra o presidente do ministério, João Chagas, na sua passagem proximo do Entroncamento em direcção a Lisboa

### O alvejado fica ferido enquanto o agressor paga com a vida o seu criminoso acto

Quando tudo nos fazia crêr que a normalidade tinha sucedido á revolução que entregou ao país as suas regalias constitucionaes, eis que o gesto dum doido máu nos veio sobresaltar ao termos conhecimento de que o celebre João de Freitas havia atentado contra a vida dum dos maiores caudilhos da Republica Portuguêsa e o mais prestigioso dos revolucionarios que a alicerçaram.

Foi no domingo.

João Chagas embarcou no Porto ás 18 horas e 50 acompanhado por sua esposa, o dr. Paulo Falcão, seu coléga no ministério e outros cavalheiros, seguindo todos no *rapido* sem que se produzissem quaesquer manifestações por ser ignorada a hora da partida.

Na estação de Aveiro um numeroso grupo de republicanos que se achávam na *gare* fizéram-lhe uma calorosa ovação e o comboio seguiu a sua marcha regular sem incidente.

Ao chegar, porém, a Paialvo, entrou na carruagem da cauda o senador João de Freitas que já andava por aquelas imediações ha dois dias supõe-se que á procura do dr. Afonso Costa que tambem estava para o norte. Atravessou todo o comboio até á carruagem junto do *fourgon*, onde o sr. João Chagas tomava assento entre sua esposa e o sr. dr. Paulo Falcão, aquela junta da partinhola e este junto da porta da *cabine*, todos no assento do lado da maquina.

O senador Freitas, aparecendo, tomou a frente a um individuo que estava no corredor até que vendo-o afastar-se um pouco irrompeu no compartimento de pistola em punho, desfechando-a quatro vezes sobre a sua vitima sem dar tempo a que João Chagas se defendesse.

A esposa deste e Paulo Falcão agarraram então o assassino, comparecendo tambem outros viajantes e o revisor do comboio, que o prendeu, depois de desarmado. João de Freitas foi maltratado e arrastado para o fundo da carruagem, onde até senhoras o agrediram vivamente indignadas.

João Chagas, que ficou muito ferido, seguiu para Lisboa no mesmo comboio, que cinco minutos passados após a tragedia, parava no Entroncamento, onde se teve conhecimento do sucedido. O agressor apeou-se da carruagem no meio dos apupos dos que aguardavam o trem, recebendo logo um tiro que o atingiu numa perna e valendo-lhe o não ser linchado imediatamente a protecção dum oficial que lhe estendeu a espada sobre a cabeça. Isso, porém, de nada serviu porque de aí a pouco João de Freitas encontrava-se estirado com uma bala de espingarda que lhe atravessou o craneo, disparada, ao que se diz, por um militar a quem indignou o nefando atentado de que foi alvo o ilustre presidente do ministério.

O sr. João Chagas, cuja serenidade a todos espantou e comoveu, acha-se em tratamento no Hospital de S. José, produzindo a noticia do crime profunda impressão tanto no país como no estrangeiro. Está livre de perigo, segundo os informes recebidos do seu estado momentos antes do *Democrata* ir para a maquina.

O cadaver de João de Freitas fizeram-no as autoridades sepultar no cemiterio da vila, pois não apareceu nenhuma pessoa de familia a requesita-lo nem sequer um amigo. Os jornaes tambem se lhe não referem a não ser para noticiar o ultimo gesto infamante que ele teve.

Os republicanos désta cidade, que na terça-feira tivéram uma reunião magna no Centro Escolar Republicano para tratar de diferentes assuntos, enviaram no meio da sessão a João Chagas, o seguinte telegrama:

*Ex.mo Presidente do Ministério*

*Lisboa*

*Todos os republicanos de Aveiro, reunidos, deliberaram protestar energicamente contra o infame atentado de que V. Ex.ª foi vitima, fazendo votos pelas suas melhoras para bem da Patria e da Republica.*

O presidente da assembleia,

(a) **Gomes Teixeira**

## DECLARAÇÃO POLITICA DE EVOLUCIONISTAS

—(*)—

Os republicanos evolucionistas de Aveiro, abaixo assinados, ao terem conhecimento de que apoz a revolução que derrubou o ministério Pimenta de Castro, se tinha constituido um *ministério de caracter nacional* e, sem entrarem em apreciações sobre a obra do extinto govêrno—do qual repudiam os actos atentatorios da liberdade e principios republicanos; mas considerando a situação afrontosa em que, apoz a saída do ex-governador civil deste distrito sr. Nobre da Veiga, se encontraram todos os republicanos deste distrito e dos quaes, os evolucionistas, tinham já, em vários concelhos, feito os seus protestos, já juntando-se a outros republicanos, já feito os seus protestos individuaes ou colectivos, pela imprensa e outros meios contra a politica monarquica que dominava e nos vexava neste distrito; e considerando ainda que muitos inimigos da Republica estavam a combater o movimento revolucionario e outros pretendiam ainda estabelece-lo quando já estava

constituido um govêrno legal; e considerando mais que todos os bons republicanos devem contribuir para a tranquilidade publica e triunfo da Ideia Republicana, resolveram tornar publica a declaração de que, tendo posto de parte, neste momento da vida nacional, todas as afinidades politicas, para só atenderem aos mais altos interesses da Patria e portanto de defêsa da Republica, se uniram com todos os republicanos e essa união manterão enquanto não forem provocados a rompe-la, e ainda a julguem necessaria para o ressurgimento da Patria e progresso da Republica.

Aveiro 17 de Maio de 1915.

*Cezar Amadeu da Costa Cabral*
*Carlos Gomes Teixeira*
*Antonio da Cunha Coelho*
*Jaime da Cunha Coelho*
*Francisco de Almada Tavarede*
*José Gonçalves Gamélas*
*André dos Reis*
*Artur Reis*
*Manuel de Souza Lopes*

## DIGRESSÃO

Foram ao Minho, visitando Braga, Viana do Castélo, Valença e Tui, em viagem de recreio e estudo, alguns estudantes da 3.ª, 4.ª e 5.ª classes do liceu désta cidade, os quaes trouxeram as melhores impressões de todos os pontos por onde passaram.

Acompanhou-os o professor, sr. Agostinho de Souza.

**O Democrata** *é o jornal de maior tiragem e circulação e* **mais barato** *que se publica na séde do distrito de Aveiro.*

## DE VOLTA

João Rosa, de quem os miseros ditadores locaes solicitaram á magna caterva ministerial a sua saída daqui como perigoso para a ditadura, acha-se já reintegrado no seu logar entre nós, enviando-lhe por isso as nossas saudações mais sincéras.

Os seus colégas endereçaram ao Administrador Geral dos Correios um telegrama, solicitando toda a brevidade na realisação da ordem indispensavel para o regresso do seu camarada a esta cidade.

Nobre resolução que a todos dignifica e distingue, ainda que péze e moleste a réles firma *Béco, Mijareta & C.ª*.

Os amigos de João Rosa fizéram-lhe uma entusiastica recepção na *gáre*, á sua chegada, acompanhando-o a casa e significando-lhe por diferentes fórmas quanto folgam com a sua permanencia em Aveiro.

Bem o merece.

## Governador civil

Indigita-se para chefe deste distrito, o sr. dr. Lopes Fidalgo, de Ovar, republicano independente, que, ao que nos consta, aceitou o convite feito pela Junta Constitucional de Aveiro, composta dos srs. dr. Marques da Costa, dr. Pinto Coelho, José Casimiro da Silva, dr. André Reis, Antonio da Cunha Coelho e Bernardo Torres.

## Notas mundanas

*Consorciou-se em Oliveira de Azemeis com a sr.ª D. Ana Maxima Pires, o distinto advogado nos auditorios da comarca, nosso presadissimo amigo, sr. dr. Sá Couto, partindo os noivos para o Bussaco, após a cerimonia nupcial, a passar a lua de mel.*

*Que sejam eternamente felizes.*

*=Estivéram nésta cidade os nossos amigos, srs. dr. Abilio Marques e Santos Costa, da Costa do Valado; Manuel Francisco Braz, da Povoa do Valado; Claudio Portugal, de Mamodeiro; Antenor Ferreira de Matos e Esequias Simões Reis, estudantes da Universidade de Coimbra; Antonio Gomes Ferreira Pires, de S. João da Madeira; Alberto Marques, de Cabanões e João Sineiro, de Vagos.*

*=Retirou para a sua casa de Lisboa a sr.ª D. Maria Pereira e Silva.*

## UMA DECLARAÇÃO

=(*)=

*Amigo e sr. Redactor*

Acabo de ter conhecimento de que um individuo mal intencionado disse ao sr. dr. Luiz de Brito Guimarães que eu fazia parte do grupo que na noite do dia 15 o apupou ali á ponte dos Arcos.

Desmentindo o hipocrita ou rastejador que teve o descaro de me querer indispôr com o sr. dr. Guimarães, de quem tenho recebido todas as atenções e deferencias, direi que na ocasião do insulto áquele sr., eu me encontrava no café *Cisne da Arcada* na companhia dos srs. José Casimiro da Silva, Francisco Casimiro da Silva e Henrique Brito

Agradecendo o devido esclarecimento, creia-me, sr. redactor,

Seu amigo, etc.

Aveiro, 20—5—915.

*José Pinheiro Palpista*

## Anuario do professorado

Oferecido pelo seu autor, o professor Santos Costa, da Costa do Valado, recebemos um exemplar do *Anuario do Professorado Primário Português*, que este ano iniciou a sua publicação e a que nestas colunas já fez a devida critica o sr. A. Simões Lopes, sem duvida mais competente para isso do que nós. Pelo que nos limitâmos a agradecer ao sr. M. Santos Costa a sua oferta.

## PELA IMPRENSA

Recebemos o 1.º numero do jornal *Beira-Vouga*, que iniciou a sua publicação em Lisboa e é orgão dos interesses do Gremio Beira-Vouga e das regiões que o mesmo representa.

E' quinzenario, apresenta-se bem redigido e com magnifica factura pelo que lhe está reservado, cértamente, um prospero futuro.

Assim lho desejâmos ao apresentar-lhe os cumprimentos de bôas-vindas.

=O nosso coléga *A Patria*, de Ovar, entrou no seu 8.º ano de luta pela defêsa dos bons principios o que nos leva a dirigir ao presadissimo confrade afectuosissimas saudações.

=Por motivo tambem do seu aniversário felicitâmos o *Povo de Cambra*, de que é director o nosso amigo sr. Augusto Amaral.

=Começou a publicar-se em Manáus, E. U. do Brazil, sob a direcção do sr. Jeronimo Pereira, um novo semanário intitulado *Alma Portuguêsa*, defensor dos interesses da nossa colonia ali residente.

Contém várias secções, todas escritas com elevação, estando-lhe por isso reservado uma vida longa e desafogada, como sincéramente lhe apetecêmos.

=Pelo seu 4.º aniversário, que passou na ultima sexta-feira, felicitâmos egualmente o *Jornal de Albergaria*.

## Falta de espaço

Por este motivo fica-nos por publicar bastante original neste numero e entre ele um artigo intitulado — *Palavras claras* — do nosso particular amigo sr. dr. André dos Reis.

Que os seus autores nos desculpem na certêsa de que entrará tudo no *Democrata* da proxima sexta-feira.

## O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

## MAU ENCONTRO

Quando na terça-feira atravessava a Praça Marquês de Pombal o *jornalista* José Maria Barbosa, foi-lhe arremeçada á cara uma grande quantidade de escremento, que o sujou de alto abaixo, pondo-o num estado lastimoso e... mal cheiroso.

A policia tomou conta do caso, que tem sido assaz comentado em todos os centros de palestra.





## CORRESPONDENCIAS

**Souzêlo — Sinfães, 12**

### AINDA O ABADE

Deixando transcrições e o passado do nosso abade, visto estar provado o suficiente para podermos afirmar que a sua vida até esta data tem sido um lodaçal de infamias, que o colocam no mais baixo gráu a que póde descer um homem, e jámais um padre que está á tésta duma paroquia como autentico ministro duma religião de paz, amôr e bondade, mas que para nós, atento o procedimento dos seus ministros a julgâmos de devassidão, exploração e perversidade.

Como isto são casos secundarios, pomo-los de parte, e vamos apreciar o nosso abade Jeronimo no presente. Se no seu passado se encontram só infamias dignas de chicote empunhado por mão de almocreve, no presente, cremos encontrar factos que nada deixam a desejar ao seu passado ignominioso.

Ha pouco ainda, e na ocasião das confissões foi á igreja afim de cumprir com os preceitos religiosos um seu paroquiano de nome Marcelino da Rocha, o qual o abade recebeu hostilmente negando-se a confessa-lo pelo horrivel crime de estar amancebado com uma mulher com quem vive, a quem estima como esposa e de cuja união existem alguns filhos. Ora este patiforio a recusar-se a prestar os serviços religiosos a um paroquiano honrado e honésto, que luta pela vida em beneficio de seus filhos, não me dirá quem é o padre que lhe confessa a concubina que tem em casa e aquela a quem fez fugir aos deveres de mulher casada, levando-a ao adultério?

Se os preceitos da religião se opunham a que o abade ministrasse os seus serviços ao Marcelino por ser amancebado, por cérto se opõem tambem a que eles sejam ministrados ás suas concubinas, e não nos consta que eles tenham sido recusados!

Se o sr. abade, recusando os seus serviços ao Marcelino, cumpriu com os seus deveres de paroco, é cérto que atropelou os preceitos religiosos ministrando os sacramentos áquelas com quem vive e viveu em estado de mancebia. Logo, ou não é cumpridor dos seus devores, ou nos leva a crêr que a religião de que é representante é uma religião de funil, de perseguição para uns e de favoritismo para outros.

No nosso modo de vêr, julgamos que tudo isso será e mais alguma coisa e os seus ministros—jámais da força deste malandrête—uns devassos sem escrupulos, uns ladrões da consciencia do povo ignorante. Este nosso santo varão que se pretende fazer passar por um padre moralisador e modelo de honestidade e bondade é o patife que não confessou um pobre chefe de familia rodeado de filhos e doente, porque ele, que não tem um centavo para pão, lhe não póde dar oito por uma bula. Sabe quem é, sr. abade, o homem a quem o sr. não confessou por não ter bula?

O Bicudo, o pobre Bicudo, doente e esfomeado, que de rastos se lhe lançou aos pés desviando-se o sr. dele cemo de um animal nojento e isto porque ele não tinha dinheiro para lhe comprar a bula!!!

Se ele o não tem para comprar pão, queria o sr. que ele o fosse roubar para lhe dar? Sem duvida que o sr. queria o dinheiro sem se importar com a proveniencia. Désse-lho, sr. abade, e não só o da bula, mas ainda uma esmola para seus filhos famintos; fazendo assim, cumpria com o seu dever, porque segundo a lenda, Cristo foi pobre mas ainda do pouco que tinha dividia pelos seus semelhantes.

Não será assim? O sr. o dirá.

Continuaremos.

*M. F.*

**Ois da Ribeira, Agueda, 13**

Tem estado muito doente a sr.ª Laura Pires Soares, esposa do nosso amigo Salvador Sucêna Estima e filha do tambem nosso amigo sr. Joaquim Antonio C. Soares.

A' infeliz senhora desejâmos rapidas melhoras.

= Tambem tem estado muito mal com um antraz, a esposo do sr. Joaquim Antonio Pires Soares.

= A curar-se da terrivel tuberculose, foi ha dias para o hospital do Rego, Lisboa, o sr. Anacleto Soares Pinheiro.

Oxalá que o desventurado moço tenha alguns alivios nos seus sofrimentos.

= O estado sanitario não é dos melhores nesta freguezia.

C.



**Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.**